

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
7 e 21 de setembro de 2023

THE AWAKENING (1980)
A maldição do vale dos faraós

Realização: Mike Newell / **Argumento:** Chris Bryant, Allan Scott e Clive Exton, baseado no romance *A Jóia das Sete Estrelas* de Bram Stoker / **Fotografia:** Jack Cardiff / **Direção artística:** Lionel Couch e Salah Marei / **Música:** Claude Bolling / **Montagem:** Terry Rawlings / **Interpretação:** Charlton Heston (Professor Matthew Corbeck), Susannah York (Jane Tuner), Jill Townsend (Anne Corbeck), Stephanie Zimbalist (Margaret Corbeck), Patrick Drury (Paul Whittier), Bruce Myers (Dr. Kalid), Nadim Sawalha (Dr. El Sadek), Ian McDiarmid (Dr. Richter), Ahmed Osman (Yussef), Miriam Margolyes (Dr. Kadir), Michael Mellinger (Hamid), Leonard Maguire (John Matthews)

Produção: Robert H. Solo, para a EMI FILMS / **Cópia:** DCP, a cores, legendada eletronicamente em português, 105 minutos / **Estreia Mundial:** 9 de julho, em França / **Estreia em Portugal:** 13 de março de 1981, no Cinema Éden, em Lisboa / *Primeira exibição na Cinemateca*

Para a sua primeira longa-metragem, THE AWAKENING, Mike Newell toma como ponto de partida o romance *A Jóia das Sete Estrelas* (1903), de Bram Stoker. A obra do autor de *Drácula* tinha já sido adaptada ao grande ecrã por Seth Holt, nove anos antes, com o filme BLOOD OF THE MUMMY'S TOMB, e serviria ainda como influência para mais três filmes. *A Jóia das Sete Estrelas* responde a uma tendência que se afirma, no campo da literatura, logo a partir da década de 60 do século XIX. Por estes anos, começa a verificar-se um aumento significativo do número de contos sobre temáticas relacionadas com o Egito, revelando-se um especial interesse por histórias sobre profecias e maldições. Em linhas gerais, esta é também a história do romance de Stoker. Newell baseia-se nesta obra, que narra a história de um egiptólogo que fica obcecado com o mistério de uma rainha egípcia, acabando por criar uma perigosa ligação entre esta e a sua própria filha. Partindo desta premissa, o realizador faz algumas mudanças, alterando alguns dos personagens e privilegiando determinados elementos em detrimento de outros.

Em 1922, o interesse pelas histórias das maldições dos faraós ganha um novo folgo, incentivado pela descoberta do túmulo de Tutankhamon. Dez anos depois, em 1932, estreia a primeira longa-metragem concentrada sobre esta temática: THE MUMMY, de Karl Freund. Se é verdade que THE AWAKENING se afasta, em parte, da obra que o inspirou, é também certo que se aproxima do filme de Freund: em ambos, a ação inicia-se no passado, permitindo reconstruir a história de uma profecia que ameaça concretizar-se no presente; e, nos dois casos, a sentença final implicaria a reencarnação de uma rainha egípcia no corpo de outra mulher.

Em THE AWAKENING, Charlton Heston interpreta o personagem principal, Matthew Corbeck, um arqueólogo inglês interessado em investigar a história de uma figura egípcia cuja existência parece ter sido completamente apagada dos registos históricos, permanecendo um mistério. Matthew viaja até ao Egito, acompanhado da sua esposa grávida (Anne) e da sua assistente (Jane), com o objetivo de encontrar vestígios desta misteriosa tumba. É assim que o espectador é introduzido aos deslumbrantes e opulentos cenários, bem como às belíssimas paisagens do deserto egípcio de que THE AWAKENING se faz valer.

A ambição de Corbeck torna-se, gradualmente, numa obsessão. Se, por um lado, essa fixação o afasta da sua família, é também através da figura da múmia que ele cria uma nova [e perigosa] relação com a sua filha, Margaret. A ação gira em torno desta tríade - Margaret, Kara e Matthew – sempre numa dinâmica baseada na dicotomia *eros* e *tanatos*; o desejo por chegar até Kara aproxima-o da filha, mas também da morte. O vínculo entre estas duas figuras femininas é revelado logo na primeira parte do filme, com o recurso à montagem paralela entre a escavação (e a conseqüente descoberta do túmulo) e o parto de Anne, em três momentos cruciais: entre a escavação e as dores dilacerantes de Anne; entre a descoberta do túmulo e grito da mulher; e entre o momento em que Matthew abre o sarcófago e aquele em que o bebé recupera os sentidos. Nesta associação – combinada com a expressão “live again”, encontrada na tumba - prevê-se que os destinos de ambas se cruzarão. Como Janet Masin refere, numa crítica ao filme publicada em 1980 no *The New York Times*, “a tática de Newell, aqui e durante o filme, é a de desenvolver o terror indiretamente, por sugestão e associação, deixando-o maioritariamente à imaginação do espectador.” Os elementos “aterrorizantes” de THE AWAKENING surgem associados ao fenómeno da possessão: uma entidade maléfica com poderes sobrenaturais que se apropria de um corpo humano na sua demanda de vingança. Esta manifesta-se, principalmente, nas perdas de consciência, nas mudanças de comportamento e na sensação de perda de controlo que leva Margaret a procurar ajuda psicológica, constatando que o seu problema escapa às explicações científicas. Conseqüentemente, a materialização deste terror surge, ao longo do filme, nas violentas mortes a que vão sendo condenados todos aqueles que se atravessam no caminho da Kara.

A história de *A Jóia das Sete Estrelas* revela ainda um outro significado para estas dinâmicas, que se manifesta, na versão cinematográfica, de maneira mais subtil. Em THE MUMMY, Imhotep tece um comentário que revela a ironia das escavações arqueológicas levadas a cabo pelos ingleses no Egito: “Nós egípcios não temos autorização para desenterrar os nossos antepassados mortos, apenas...os museus estrangeiros”. Em 1882, a criação da organização inglesa Egypt Exploration Society (EES) abriu portas para a descoberta e apropriação de artefactos egípcios, que eram trazidos para a Europa e expostos nos museus, segundo uma perspectiva europeia. Em THE AWAKENING, esta problemática surge, já num contexto pós-colonial, quando o egiptólogo tentar levar a múmia para Inglaterra. A arqueologia contribui, em grande medida, para a criação de um “arquivo colonial” que responderia à necessidade de enquadrar os povos colonizados numa estrutura de conhecimento criada exclusivamente pelo colonizador (a partir da sua própria perspectiva cultural), de modo a *fixar* e, conseqüentemente, controlar o *outro*. Como refere Ailise Bulfin, no artigo *The Fiction of Gothic Egypt and British Imperial Paranoia: The Curse of the Suez Canal*, as histórias sobre as maldições dos faraós e das múmias surgem como resposta ao medo de uma espécie de *invasão retributiva*, o terror de uma possível inversão das estruturas de poder. Em *A Jóia das Sete Estrelas*, a possibilidade da rainha egípcia ressuscitar é encarada como uma ameaça para a sociedade ocidental. Em THE AWAKENING, a ocupação do corpo de Margaret representa, simbolicamente, isso mesmo. Conseqüentemente, a figura do arqueólogo afirma-se como a representação do poder colonial que Kara, socorrendo-se do corpo da sua filha, procurará derrubar e, finalmente, destruir.

Sara Oliveira Duarte